



Tudo pela paz, todos contra a guerra

Há doze meses o nosso país experimenta momentos de paz, após que foi assinado, em Roma, o Acordo Geral que ditou o termo de um conflito armado que durante dezasseis anos reduziu o país à mais baixa pobreza e a dignidade dos homens à insignificância. Um conflito que transportou consigo morte, miséria e destruição.

O quadro por ele deixado é cinzento, como testemunham os números: mais de 500 mil crianças tornaram-se órfãs e igual número de outras traumatizadas, três mil escolas primárias destruídas e cerca de 1000 centros de saúde rurais também danificados pela guerra.

O balanço das destruições que se abateram sobre os sectores económico e social ao longo dos 16 anos de guerra no país são estimados em 20 biliões de dólares americanos. Sabe-se também que 6 milhões de moçambicanos foram afectados, tendo uns sido forçados a abandonar o território nacional, refugiando-se em países vizinhos, e outros deixado as suas zonas de origem à busca de abrigo noutros pontos do país que se mostrassem relativamente mais seguros.

Hoje as armas caíram-se e deram lugar à paz e à tranquilidade que se pretendem duradouras.

Foi este o espírito que presidiu o encontro inter-religioso que aconteceu na passada segunda-feira na Praça da Independência em Maputo, e foi este mesmo espírito que em muitos pontos do país reuniu milhares de cidadãos para assinalarem a passagem do 4 de Outubro.

Em Maputo, milhares de crentes de diversas confissões religiosas, entre católicos, muçulmanos, hindus, budistas, ortodoxos, judeus e outros oraram, cada um à sua maneira, mas todos por um fim: o repúdio ao retorno da guerra no país. As imagens do nosso colega Amadeu Marréngula ilustram o acontecimento.

«Um ano de paz: não mais a guerra», foi o lema da reza a que juntaram-se governantes, políticos, diplomatas e todas as forças vivas da sociedade moçambicana amantes da paz.

Em todas as orações, cânticos, danças, poesias transpirou a mensagem da paz, concórdia e tolerância.

Dizeres como «oh guerra! não vês que a paz veio para ficar?», «Guerra, vai-te embora» «Estamos cansados de mortes» podiam ler-se

por quase toda a cidade, naquilo que pode ser classificado como um alerta e apelo aos promotores do conflito armado, para que caíam para sempre o fio das armas.

«Vamos preservar a paz sabendo perdoar, tolerar e sermos misericordiosos. Não deve haver vencidos nem vencedores. É preciso que haja uma reconciliação que parta do interior de cada um de nós e que se reflecta no nosso quotidiano. Assim estaremos a preservar a paz que almejamos há mais de dezasseis anos», esta a mensagem que veio do Conselho Cristão de Moçambique.

Uma mensagem que veio expressa nas mensagens dos católicos, dos muçulmanos, hindus, budistas, ortodoxos, judeus e todas as outras congregações que responderam positivamente ao convite para aquela jornada de oração pela paz em Moçambique.

Os governantes e políticos acederam também ao convite e deixaram expresso o seu comprometimento em tudo fazer para que o espectro da guerra e da violência jamais paire sobre este país martirizado.

O encorajamento veio dos subscritores do Acordo Geral de Paz, que uma vez mais, e publicamente, comprometeram-se a cumprir na letra e no espírito os compromissos de 4 de Outubro, rubricados em Roma.

O Governo, na pessoa do Presidente da República, Joaquim Chissano, disse que a paz deve ser consolidada por todos, porque todos são responsáveis pela preservação.

A Renamo, representada por Vicente Ululu, é de opinião que esta paz jamais será duradoura se não houver justiça social, igualdade e respeito pelos direitos humanos em Moçambique.

So o bom senso, tolerância e o respeito pela diversidade poderão alicerçar as bases já lançadas para uma paz efectiva em Moçambique.

«Um ano de paz: não mais a guerra» não é nenhum «slogan», mas é no fundo a aspiração de um povo que ainda conserva bem vivas as memórias de um conflito que durou 16 anos.